

ENSINO FUNDAMENTAL I: SOBRE O OLHAR DO OBSERVADOR

Francisca Linara da Silva Chaves

Discente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/CAMEM
linarachaves@hotmail.com

Diêgo Souza Albuquerque

Discente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/CAMEAM
Diealbuquerque07@gmail.com

Maria Aparecida Gomes Barbosa

Professora na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/CAMEAM
cidaufpe@yahoo.com.br

Resumo: Ao termos contato com o componente curricular Didática, no 4º período do curso de Geografia UERN/CAMEAM, a professora nos propôs o desafio de realizarmos algumas observações das aulas de geografia nos municípios onde moramos, uma forma de termos um primeiro contato com o local que será futuramente nosso ambiente de trabalho. A experiência foi de fundamental importância para nossa vida acadêmica, uma maneira de se pôr no lugar do professor que estava ministrando a aula, uma forma de questionar a cerca do modo como irei lecionar futuramente. Essa atividade favoreceu o contato com o público infantil, que nos fez sentir o quanto podemos nos apegar aquelas crianças em poucas horas de convívio, o quanto são participativas. Mas, infelizmente, também houveram momentos de medo e angústia com relação a algumas situações presenciadas, onde surge a dúvida, se quando estivermos lecionando iremos cometer os mesmos erros que observamos naquelas horas de convívio com aquela turma. O professor que está ministrando uma dada aula, pode não perceber o que um observador externo enxerga. Por meio das abordagens acadêmicas em sala de aula e das observações realizadas nas aulas de geografia no ensino básico, surgiu a apreensão de divulgar e socializar tal experiência por meio desse trabalho. Julgamos que nessa metodologia, podemos expressar a vivência da sala de aula pela visão do observador, assim como, identificarmos ou não, com a figura do professor daquela instituição, se concordamos ou discordamos da sua maneira de dar aula, são múltiplas informações que podem ser colhidas e pensadas.

Palavras-Chave: Observações, professor, sala de aula.

INTRODUÇÃO

Na disciplina de didática estudamos o que alguns autores escrevem e atrelam sobre o processo de aprendizagem e sobre a maneira de lecionar, cada autor sugerindo um modelo. A professora sempre nos questionava sobre nossa opinião, buscando saber com qual nos identificávamos. Como uma forma de termos um maior conhecimento sobre como é a dinâmica de uma sala de aula, ela sugeriu que realizássemos observações das aulas de geografia em algumas séries, nas escolas do nosso próprio município, com uma carga horária de oito horas. Essa experiência foi impactante para nós, enquanto futuros professores de geografia, o momento de vivenciarmos com o público que iremos trabalhar futuramente. Surgiram vários sentimentos como medo, angústia, alegria, carinho, ansiedade, todos já no primeiro dia de observação. E foi a partir dessas observações que surgiu esse trabalho, como uma forma de apresentar o ambiente da sala de aula, na visão de um observador externo, que pôde perceber o que estava acontecendo de positivo e negativo, e que muitas vezes o professor que está ministrando a aula, está tão envolvido naquela agitação, que não percebe certos acontecimentos e comportamento de alguns alunos.

O principal objetivo desse trabalho é apresentar discursões acerca da realidade que enxergamos na prática do professor regente da turma observada, qual o modelo que aquele determinado professor segue, como será nossa postura em sala de aula quando estivermos exercendo aquela profissão, quais desafios teremos que vencer para atender a todos os alunos, dentre outras dúvidas que surgiram no decorrer das observações. Muitas vezes criamos em nossa mente o modelo de como iremos ser quando chegarmos na docência. Será que seremos capazes de cumprir o que esperamos? Será que seremos professores-exemplos ou iremos utilizar as mesmas práticas daquele professor que julgávamos tanto? São muitos os questionamentos.

A observação foi realizada na turma do 3º Ano do Ensino Fundamental I, e tomamos como subsídios teóricos autores como Cury (2007 e 2008) e Senna (2003), tentando associar aquilo que observamos em sala de aula, com o que esses autores escrevem sobre o tema em questão, dando nosso posicionamento sobre a postura do professor em sala de aula e também associando as inúmeras discursões ocorridas no período de graduação.

O CONTATO COM O AMBIENTE DE TRABALHO

As observações realizadas no Ensino Fundamental I foram as que nos trouxeram maior afinidade pela profissão do educador, devido o entrosamento dos alunos e a vontade que eles têm de participar. Percebemos que por serem crianças, e ainda terem a inocência e a

facilidade de criar afeto, eles são cativados com facilidade, por isso a importância de serem motivados nesse período para que possam criar gosto pela educação, e assim, não sofram futuramente, sentindo-se coagidos por um sistema que não estimula sua participação.

Minhas observações se deram na turma do 3º ano do Ensino Fundamental I (**Figura 1**) e tiveram vários pontos positivos, ligados tanto ao comportamento dos alunos, como também a forma como a professora leciona. Por serem crianças, há momentos em que eles ficam um pouco mais imperativos, mas na hora da aula eles são bastante participativos e gostam muito de contarem histórias do seu cotidiano associando, assim, o conteúdo da aula com o que vê em sua vida. Pode-se dizer que eles usam o pensamento narrativo, e a professora instiga esse pensamento dos mesmos, trazendo exemplos do dia a dia, apesar de que em alguns momentos ela fugia um pouco do assunto da aula.

O que me deixou mais intrigada foi o fato de que existem duas alunas especiais na sala, uma cadeirante e outra com distúrbio de aprendizagem, e elas praticamente não participam da aula, a professora não colocava elas no meio das reflexões. Pois elas poderiam muito bem contar suas histórias, porque assim como os demais, também são crianças, e inclusive uma delas é bem astuciosa e como diz Senna (2003, p. 8) “Todo aluno é capaz de construir conhecimentos, ainda que demonstre isto através de formas que a escola não compreende ou legítima.” Então percebi que essas alunas são deixadas de lado, pois a professora passa uma atividade diferenciada realizada pela professora de apoio, apenas no final da aula. Durante a aula senti falta da professora de apoio para ficar ao lado delas, dando atenção e motivando sua participação, mas ela ficava apenas sentada observando a professora dar aula, inclusive quando a mesma se ausentava da sala, o apoio nem sequer pedia para os alunos fazerem silêncio, simplesmente deixavam eles livres para fazerem o que quisessem.

Figura 1: Sala de aula



Fonte: CHAVES, F. L. S. (2016)

O Professor Versus o Aluno Especial

Na sala de aula observada havia duas alunas especiais, uma com deficiência e outra com déficit de aprendizagem, a primeira por não poder se movimentar e não ter uma boa coordenação motora, só conseguia participar da aula quando alguém lhe ajudava, já a segunda se mostrava bastante inquieta e ficava mexendo com seus colegas o que gerava conflitos com quem sentava ao seu lado, por isso acabou sendo colocada no meio da sala, para evitar que fosse mexer com seus colegas. Diante de uma sala de aula repleta de alunos, cada um com sua especialidade torna-se difícil para a professora conseguir dar a atenção necessária para as alunas especiais, algo que poderia ser feito pela professora de apoio, mas a mesma se mostrava sem experiência necessária para lidar com aquela situação, algo bastante comum na realidade atual.

Bueno (1999), vem citar em seu artigo algo relacionado à temática dos alunos especiais:

“O ensino regular tem excluído sistematicamente larga parcela de uma população sob a justificativa de que essa parcela não reúne condições para usufruir do processo escolar, por apresentar problemas pessoais (distúrbios dos mais diversos), problemas familiares (desagregação ou desorganização da família) ou ‘carências culturais’ (provenientes de um meio social pobre). Por sua vez, o ensino especial também tem excluído sistematicamente grande parcela de seu alunado sob a alegação de que, por suas próprias características, essa parcela não possui condições para receber o mesmo nível de escolarização que as crianças normais. [...]” (BUENO, 1999, p. 11).

Então surge uma indagação “Separar uma aluna do restante da sala é correto?” ao nosso ver, não. Assim como os outros alunos, ela também é uma criança e merece a mesma atenção que é direcionada aos demais. Inclusive tem o direito de participar dos debates, porque, já havia tido contato com a aluna cadeirante antes da aula, e apesar de ter dificuldades na fala, ela sabe falar e demonstrar suas emoções, é bem animada, então poderia muito bem participar da aula quando houvesse o debate de um texto, mas os professores e até mesmo a escola não tem estrutura e uma formação adequada para lidar com esses alunos.

O Professor como Mediador

Diante do que foi observado em sala de aula e estudado na graduação, percebemos que existem diferentes professores com distintas formas de construir os conteúdos com os alunos. Uns contribuem para que os tenhamos como referência para nossa futura postura profissional. Outras posturas docentes não são tidas como inspiradoras. Professores que se mostraram contra exemplos em sua didática, utilizando o método cartesiano em suas aulas, não renovando sua prática de ensino, tornando as aulas cansativas, além de causar medo nos alunos por terem receio de participar e terem sua opinião negada.

Outro aspecto que deveria existir em sala de aula é a questão da exclusão. Foi possível perceber que alguns alunos não participavam da aula, ficavam dispersos e não interagem com os colegas, e nem mesmo a professora os colocava na conversa. Um fato que contribui para a desatenção dos alunos é o calor. Por experiência própria posso dizer que é frustrante, pois o horário é quente e a sala apresenta pouca ventilação, então os alunos passam grande parte do tempo reclamando do calor. Também existe a hora determinada para se tomar água, o que ocupa pelo menos uns 10 minutos da aula, já que saem de três em três, inclusive a professora também se ausenta da sala, ficando apenas o apoio que não apresenta nenhuma autonomia.

Em meio à aula, ficava o tempo todo se perguntando como seria minha postura em sala de aula e como iria lidar com problemas como esses, pois quando estamos está do lado de fora, às vezes se torna muito fácil, dizer o que falta e o que precisa melhorar, mas tenho medo que um dia, quando estiver realmente exercendo a profissão, também não consiga enxergar no que estou errando.

O livro didático é utilizado pela professora apenas para nortear a aula, mas ela não se prende totalmente a ele. Utiliza outras linguagens para instigar os alunos a observar e refletir acerca dessas linguagens. Para Verceze e Silvino (2008):

[...] o livro didático constitui material necessário para o processo ensino-aprendizagem. Porém, o livro não deve ser considerado como única fonte de conhecimento disponível para o educando, mesmo sendo utilizado didática corretamente em sala de aula, pois o professor deve ter consciência da necessidade de um trabalho diversificado e, para tanto, é preciso buscar, em outras fontes, informações ou conteúdos que venham a complementar e enriquecer o livro didático. (VERCEZE e SILVINO, 2008, p. 85)

Sendo assim, analisamos que o livro didático é importante e necessário no processo de ensino-aprendizagem, pois nele está contido os conhecimentos científicos e diferentes saberes que devem ser apresentados e discutidos nas aulas. É importante que seja somado ao livro didático outras metodologias que podem auxiliar no processo de construção dos conhecimentos pelos professores e alunos. Figuras, músicas, filmes, construções literárias e aulas práticas são exemplos de metodologias que podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

Algo que eu achei errado foi o fato de que a professora realizou uma tarefa envolvendo perguntas orais onde cada um dizia sua resposta, mas ao final, ela formulava uma resposta a qual todos copiavam, não deixando que eles escrevessem a sua própria resposta. Ou seja, os alunos são instigados a pensar, mas suas respostas não são tão valorizadas pela professora. E apenas ao final da aula, é que a professora de apoio foi ajudar a aluna cadeirante a fazer sua tarefa, enquanto que o restante da turma foi realizar outra atividade referente ao assunto da aula anterior, a qual até mesmo a professora ficou com dúvidas quanto às respostas de algumas questões, o que reforça o fato de que as perguntas não foram elaboradas por ela.

O medo e a ameaça pelo que venho percebendo é a válvula de escape que tanto o professor como o coordenador da escola, usam para impor autoridade e amedrontar os alunos. Pois no segundo dia de observação, a coordenadora veio à sala alertar, que quem esquecesse o livro didático iria voltar para casa e iria busca-lo, e ainda ficaria de castigo e sem recreio. Ou seja, o aluno sempre se vê numa situação em que para a escola a única solução é mostrar o poder que tem sobre o aluno, o que gera nele uma espécie de rancor e o faz perder o interesse de estudar.

As ameaças são comumente utilizadas para demonstrar autoridade, mas pelo que venho notando, está sendo totalmente o contrário, pois o professor não cumpre aquilo que promete, fazendo com que o aluno deboche da situação. Alguns exemplos dessas ameaças são: “Irei te trocar de lugar”, “Será expulso se não se comportar”, “só vai embora quando a mãe vier buscar”, etc. Por isso acho desnecessárias essas ameaças, ao invés de criar situações ilusórias porque não tentar corrigir com fatos mais concretos, como mostrar o que ele estará

perdendo com aquela atitude, e o que ele poderia ganhar se optasse por melhorar seu comportamento.

Apesar de só ter tido a oportunidade de observar as aulas durante dois dias, deu para perceber que a dinâmica da aula é a mesma. Enquanto a professora explicava o assunto sobre vida no campo e na cidade, me vieram algumas ideias de como trabalhar esse tema em sala de aula de maneira mais dinâmica e criativa. A produção de maquete que poderia até ser construída em sala de aula, onde juntos os alunos iriam dizer o que está presente em ambas às realidades e iam formando a representação desse assunto de maneira prática, com certeza isso chamaria a atenção dos alunos e todos poderiam participar de maneira igualitária. Pois assim como os alunos são dotados de bastante criatividade e imaginação, o professor também pode utilizar sua imaginação para trabalhar os conteúdos. Como diz Augusto Cury (2008, p. 10) “Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro do seu próprio mundo.” Ou seja, o professor precisa se desprender do método cartesiano, e passar a olhar seus alunos com um novo olhar, enxergando a realidade de cada um.

Como havia expressado no início desse texto, as crianças tem uma facilidade muito grande de criar carinho por aqueles que o cativam, dessa forma, se o professor mostrar interesse e amor por seus alunos, com certeza eles terão mais estímulo para estudar, não se deve ter a mente de que o aluno deve sempre temer o professor. Isso pode refletir de forma negativa no aprendizado do aluno. Deve-se manter uma parcialidade entre mostrar afeto e ser respeitado, não no sentido de ser o dono do poder, mas de ser uma pessoa como qualquer outra e que precisa ser respeitado, assim como os alunos também merecem respeito.

O que mais costumamos ver nas salas de aula são as cadeiras organizadas em filas, onde geralmente os alunos considerados mais inteligentes ocupam as primeiras cadeiras e o restante vai para o conhecido “fundão”. Será que se a forma como a sala se organiza fosse diferente, iria influenciar no bom desempenho da turma? Sim. Na sala observada no Ensino Fundamental I a sala era organizada de modo com que a professora pudesse ficar dando aula no centro, e os alunos organizados em uma espécie de quadrado, e isso fazia com que ninguém ficasse na frente um do outro. Na sala observada no Ensino fundamental II, já era o sistema de filas. Como disse Augusto Cury (2007, p. 25) “A sala de aula deveria ser um teatro no qual professores e alunos seriam atores na produção de conhecimento”. E nada mais justo do que isso, pois os alunos que se sentam ao fundo, já estão automaticamente taxados como os que não querem nada, e isso é uma forma de desestímulo.

Algo imprescindível à motivação das crianças logo nesse primeiro estágio da educação são seus pais. A preocupação deles com o comportamento do seu filho na escola será de fundamental importância para que ele continue tendo interesse e amor pelo aprendizado. Não adianta um pai, querer motivar o seu filho lhe dando presentes, ou prometendo algo em troca, mas mostrando o quão importante isso será para seu futuro. Deve também falar um pouco da sua história, contar como era na sua época, se teve oportunidade de estudar ou não, e o quanto isso influenciou na sua vida. As crianças adoram ouvir histórias, e elas gravam muito bem tudo o que lhes é dito e com certeza, saber mais sobre a história de seus pais irá fazê-lo refletir sempre durante a vida, na hora de fazer uma escolha. E Augusto Cury em seu livro “Pais brilhantes, professores fascinantes”, ressalta bem essa questão, ao dizer que “Muitos pais trabalham para dar o mundo aos filhos, mas se esquecem de abrir o livro da sua vida para eles. Infelizmente, seus filhos só vão admirá-los no dia em que eles morrerem.” (2008, p. 16)

Mas ainda existem alguns pais, que ensinam seus filhos a fazerem o certo, mas eles mesmos não se corrigem, ou não percebem que seus atos mostram totalmente o contrário daquilo que ele exige de seu filho. Pede para que não discuta, não agrida seus colegas, seja educado. Mas a própria criança vivencia seu pai discutindo com sua mãe, algumas vezes chegando a agredi-la, e utilizando um palavreado completamente imoral. Então o que a criança irá fazer? Seguir os conselhos do seu pai, ou seguir seus passos, seu modo de agir? E é nesse momento que começam a surgir crianças violentas em sala de aula, ou até mesmo caladas, pois ficam sempre se lembrando do que está acontecendo em casa, e é importante nessa hora o professor tentar entender a realidade familiar a qual esse aluno está exposto. Na turma a qual observei, tinham muitos alunos quietos, que pareciam não estar naquele ambiente, e talvez a causa disso, fosse justamente esses motivos. Como cita Augusto Cury:

“O que gera os vínculos inconscientes não é só o que você diz a eles, mas também o que eles veem em você. Muitos pais falam coisas maravilhosas para suas crianças, mas tem péssimas reações na frente delas: são intolerantes, agressivas, parciais, dissimulados. Com o tempo, cria-se um abismo emocional entre pais e filhos. Pouco afeto, mas muitos atritos e críticas.” (CURY, 2008, p. 17)

Então a postura dos pais perante seus filhos são de fundamental importância para a construção do seu caráter e do modo como irá se comportar nos demais ambientes, sendo que

suas ações iram refletir na sua aprendizagem e na relação com seus colegas e com seu professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante tudo que vivenciei, podemos concluir que é nos primeiros passos da criança na escola, que irão se formar as suas primeiras impressões, é ali que ela irá tomar gosto ou não pelo aprendizado, e como observei no início, por terem a inocência e a capacidade de criar laços afetivos com seus professores, a participação e a motivação são bastante diferente dos adolescentes que já tem suas concepções criadas, por isso a figura do professor nessa etapa é importante e aliado a isso, a participação da família deve ser uma constante. Ambos mostrando o quão é divertido e significativo ir estudar, ter contato com seus colegas, respeitar sua professora, mas também saber que ela está ali para lhes ajudar no que for preciso, visando sempre o melhor para sua turma. Claro que como qualquer escola, haverá dificuldades, mas basta repensar nossas atitudes desde já.

Enquanto aluna de graduação percebo que nós ainda carregamos algumas marcas que foram cultivadas nas séries iniciais ou até mesmo no ensino médio e isso influencia muito na nossa personalidade até mesmo na forma como participamos da aula, no medo e receio de está falando algo errado, a nota como nosso rótulo e tudo mais. Portanto, percebe-se que assim como a escola básica, a academia também apresenta alguns pontos negativos ou dificuldades, já que estão recebendo jovens que estão tendo uma transição para a vida adulta e que trazem alguns traumas herdados do ensino anterior, a fase de adaptação é bastante intensa e a presença do professor e da instituição serão bem importantes na construção da sua autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, J. G. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: Generalistas ou especialistas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 3. n. 5, 7-25, 1999.

CURY, A. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. São Paulo: Editora planeta do Brasil, 2007.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

SENNA, L. A. G. O planejamento no ensino básico e o compromisso social da educação com o Letramento. In: _____. **Educação e linguagem**. São José dos Campos/SP, 2003. p. 01-20.

VERCEZE, R. M. A. N.; SILVINO, E. F. M. O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-Mirim. Vitória da Conquista: **Práxis Educacional**, v. 4, n. 4, jan./jun. 2008, p. 83-102. (83) 3322.3222

contato@setep2016.com.br

www.setep2016.com.br



VI Semana de
Estudos,
Teorias e
Práticas Educativas

VI SETEPE

(83) 3322.3222
contato@setep2016.com.br
www.setep2016.com.br